

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA
3 e 10 de setembro de 2024

DISTANT VOICES, STILL LIVES /1988
(Vozes Distantes, Vidas Suspensas)

Um filme de Terence Davies

Realização e Argumento: Terence Davies / *Direcção de Fotografia:* William Diver e Patrick Duval / *i:* Miki van Zwanenberg e Jocelyn James / *Guarda-Roupa:* Monica Howe / *Música:* diversas canções populares inglesas dos anos 40 e 50 / *Som:* Alex Mackie / *Montagem:* William Diver / *Interpretação:* Freda Dowie (mãe), Pete Postlethwaite (pai), Angela Walsh (Eileen), Dean Williams (Tony), Lorraine Ashbourne (Maisie), Sally Davies (Eileen em criança), Nathan Walsh (Tony em criança), Susan Flanagan (Maisie em criança), Michael Starke (Dave), Vincent Maguire (George), Antonia Mallen (Rose), Debi Jones (Micky), Chris Darwin (Red), Marie Jelliman (Jingles), Andrew Schofield (Les), Anny Dyson (avó), Jean Boht (tia Nell), Alan Bird (padre), Pauline Quirke (Doreen), etc.

Produção: BFI – Channel 4 – ZDF / *Produtora:* Jennifer Howarth / *Produtor Executivo:* Colin McCabe / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 80 minutos / *Estreia mundial:* 13 de Maio de 1988, Festival de Cinema de Cannes / *Estreia em Portugal:* Quarteto, a 17 de Novembro de 1989 / *Primeira passagem na Cinemateca:* 18 de Outubro de 2012 (Anos 80, Esses Desconhecidos).

Distant Voices, Still Lives foi a revelação do cineasta britânico Terence Davies. A passagem do filme por Cannes foi um sucesso, depois repetido nos diversos países em que foi estreado comercialmente, incluindo Portugal. Como tantas vezes acontece, o êxito do filme garantiu a Terence Davies uma espécie de passaporte para Hollywood, onde realizaria, em meados dos anos 90, **The Neon Bible** – desta vez, apesar de alguns indefectíveis, sem o sucesso do filme que vamos ver, fenómeno a que não terá sido alheio facto de **The Neon Bible** ser pouco mais do que a transposição da receita de **Distant Voices** para outros contextos narrativos e outras paisagens. Depois, num registo bastante diferente, dirigiu **House of Mirth**, filme de recepção muito dividida, entusiasmando uns e desgostando outros.

A aposta (curiosa) deste filme de Terence Davies pode ser descrita como uma tentativa de fundir dois géneros, ou dois universos, que tudo, aparentemente, afasta: o realismo britânico e o musical. Construído em torno das memórias de infância e adolescência do próprio realizador (que servem de “fil rouge” para o mosaico narrativo do filme), **Distant Voices, Still Lives** começa por ser um retrato (em termos aproximáveis aos de muito cinema britânico) das classes proletárias da Inglaterra do imediato pós-guerra e do período de recuperação económica que se lhe seguiu. Reencontramos, portanto, aquele tom “cinzento” (em sentido literal e figurado) que reconhecemos de inúmeros outros filmes ingleses de temática semelhante – e a descrição de personagens simples, com vidas simples e ambições simples. Tão simples que nem fogem a alguns

estereótipos, como o pai cruel interpretado por Pete Postlethwaite e a mãe tão forte quanto subserviente interpretada por Freda Dowie.

A “novidade”, que arranca ainda durante o longo primeiro plano do filme, é a invasão deste nível narrativo por um espírito de musical, que em termos formais vem justificar e legitimar um clima que se pretende hipnótico, sustentado por associações de ideias e motivos visuais que vêm suspender a continuidade narrativa e pôr em funcionamento um “motor” alimentado por divagações e reminiscências. Não há dúvida nenhuma que foi esta “démarche” estética que fez o sucesso do filme, com os seus “travellings” lentos, o seu rigor “pictórico” na composição dos planos, e através disto, a completa fusão dos níveis espaço-temporais. Quis-se ver (ou houve quem visse), a sombra de Jacques Demy sobre o cinema de Terence Davies.

No entanto, à excepção de um plano de guarda-chuvas que se não é citação, parece, dir-se-ia que as inspirações de Davies não vêm de tão longe. Pelo menos visto de hoje, **Distant Voices, Still Lives** parece filiar-se mais no cinema “artístico” de Peter Greenaway (de que seria uma possível versão “proletária”) – a mesma “suspensão” do naturalismo por via da insistência (ou da evidência) da composição pictórica, a mesma recusa da “facilidade” de uma estrutura linear, e no fundo a mesma superficialidade: repare-se que, tal como em Greenaway, a figura de estilo preferida de Davies é o “travelling” lateral, como se o espaço não pudesse ser perfurado sob pena de vir destruir o rigor de composição. Daí resulta um efeito aparentemente perverso, que talvez Davies não procurasse: **Distant Voices, Still Lives** é um filme que se “afasta” do espectador, que existe sem ele. Um mecanismo de relojoaria para admirar à distância (e há motivos para o admirarmos, claro) mas onde o espectador não participa nem a sua participação é requerida. Apesar da simpatia que **Distant Voices, Still Lives** não deixa de despertar, é impossível não nos lembrarmos de **One From the Heart**, o musical maldito de Coppola, e pensarmos na modernidade proposta por esse filme. E se recordarmos as sortes diferentes de um filme e de outro (ruína de Coppola, glória, mesmo que episódica, de Davies), chegamos à conclusão de que o cinema pode ser um meio muito injusto.

Luís Miguel Oliveira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico